

Perfil

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro nasceu em Itaparica, na Bahia, em 1941. É escritor, jornalista, roteirista, professor e membro da Academia Brasileira de Letras. Formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia e fez pós-graduação em Administração Pública na mesma instituição. Estreou no jornalismo em 1957, como repórter, no Jornal da Bahia. Nessa época, trabalhou também na Tribuna da Bahia, onde chegou a exercer o posto de editor-chefe. É autor de romances como Sargento Getúlio (Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em 1972, na categoria Revelação de Autor), O Sorriso do Lagarto, A Casa dos Budas Ditosos e Viva o Povo Brasileiro, entre outros. É detentor da cátedra de Poetik Dozentur (Docente em poesia) na Universidade

de Tübingen, na Alemanha. Participou, em 1994, da Feira do Livro de Frankfurt, que lhe rendeu o Prêmio Anna Seghers, concedido somente a escritores alemães e latino-americanos. Em 2008, recebeu o Prêmio Camões pelo "alto nível de sua obra literária". O autor teve vários de seus trabalhos adaptados para o cinema e para a televisão. Em 1999, escreveu, em parceria com o cineasta Cacá Diegues, o roteiro do filme Deus é Brasileiro, baseado no conto O Santo que Não Acreditava em Deus. Atualmente, colabora com periódicos como Frankfurter Rundschau e Die Zeit, da Alemanha; The Times Literary Supplement, da Inglaterra; O Jornal e Jornal de Letras, de Portugal; e O Estado de São Paulo, A Tarde e O Globo, do Brasil.

João Ubaldo Ribeiro

31 de agosto de 2010, na 23ª Feira do Livro de Santa Cruz do Sul



João Ubaldo é um grande parceiro falando, escrevendo e prestando atenção na gente. Já está suficientemente premiado para que todos saibam a quanto vai esse baiano divertido e sério ao mesmo tempo, comprometido e aparentemente solto na vida como um adolescente de descoberta. Um texto primoroso e irreverente, assentado sempre em sua experiência e devoções, como a que tem por Jorge Amado, padrinho de uma de suas filhas, e admiração profunda com a certeza de que foi um dos maiores romancistas do século 20. Estivemos juntos na Feira do Livro, no *Projeto Saideira*. Rimos muito.

Ruy

Eu morei na Alemanha, mas não sei falar alemão. O *Deutscher Akademischer Austausch Dienst*, mais conhecido como DAAD, é um instituto de intercâmbio alemão. Parece engraçado, talvez, mas eles passaram uns quatro ou cinco anos tentando me convencer a ir para lá e eu, por preguiça, não queria. Também porque a minha mulher, Berenice, não tinha atração pela Alemanha, não se entusiasmava a sair. Depois de tantos pedidos, eu resolvi ir. Eu não sabia direito o que eles queriam. Na verdade, contado aqui, é de fazer inveja e acho que com razão, porque eles convidam o artista, de qualquer área – pode ser escritor, escultor, pintor, dançarino – para passar um período, que varia de acordo com o caso. No meu caso eles ofereceram um ano para morar lá, com casa, despesas de água, luz, telefone, todas pagas, e um generoso estipêndio. A maior mordomia, para não fazer nada, para você morar em Berlim. Era a única coisa que eles queriam. Ou seja, é um plano de relações públicas e de criação de uma imagem positiva da Alemanha. Eu fazia alguma coisa, porque é chato ficar fazendo nada. Mas não era obrigado. Se eu fosse, por exemplo, um artista plástico, eles me dariam também um ateliê. Eles me pediram para preencher um formulário onde havia “o que você gosta”, uma coisa assim. Eu botei Bach, Beethoven e Brahms, mas botei por botar. Mas aí, não havia um concerto de Bach, Beethoven ou Brahms que eles não me chamassem. Eu disse que gostava de dormir à tarde e eles nunca me telefonavam. Era uma coisa sagrada. Eu adoro a Alemanha. Me dei muito bem lá. Fui muito feliz. Enquanto eu estava lá, escrevi crônicas semanais para um jornal, o *Frankfurter Rundschau*, que é um jornal nacional publicado em Frankfurt. Quando acabou a minha temporada, eles pediram para reunir em livro e eu deixei. Teve público, fez sucesso a crônica. Aí a minha então editora aqui, a Nova Fronteira, quis fazer. Eu fui contra porque achava que era um livro que só interessava a alemão. Eu não proibi que publicassem, mas achei que era uma ideia meio boba, que não ia dar certo. Mas não, *Um Brasileiro em Berlim* virou best-seller no Brasil.

Começo

Meu primeiro emprego foi num jornal. Eu não reconheci a minha vocação, nunca pensei em ser jornalista. Meu pai resolveu por mim. Eu fui “foca” com 17 anos. Meu pai chegou em casa, mandou eu me vestir, chegou no jornal e disse: “Este daí disse que sabe escrever”. “Manda ele aí”. Não sei se eu sei escrever até hoje. Mas, tinha jeito para redigir. Ele me botou lá sem me consultar e eu virei jornalista. Acho que, no final, o jornal ajudou o escritor. Cheguei a ser editor-chefe, mas não gostava. Suspender gente, demitir, é horrível. A função de editor-chefe é particularmente desagradável para mim porque o sujeito que é editor e chefe ao mesmo tempo deve lealdade à redação, que é composta de colegas dele, e deve lealdade à diretoria do jornal porque exerce um cargo de confiança. Então, acaba tendo que mentir para os dois. Não mentir propriamente, mas ajeitar as coisas, disfarçar. Você exerce um papel de paraquedas entre um e outro, você é uma espécie de amortecedor ali para ficar levando o jornal. E é horrível isso. Eu dizia para a redação saber, abertamente, que eu não estava revelando os pormenores de alguma coisa porque eu não podia. Se eu dissesse aquilo que estava acontecendo, ia provocar uma reação indesejada. Mas, ao mesmo tempo, isso me dava uma sensação de culpa, de remorse. Me sentia um canalha. Eu não gostava não. E deixei para ir para Portugal.

Fuga para Portugal

Fui para Portugal por causa do Jorge Amado e do Glauber Rocha. Eu estava na Bahia, meio em crise, já com 40 anos mais ou menos. Eu tinha sido professor universitário, deixei a Universidade. Tinha trabalhado em agência de propaganda, também deixei. Só era editor-chefe. Não aguentava mais esta situação e comecei a fazer biscates. Estava meio desorientado. E Jorge e Glauber, que eram grandes amigos meus, fizeram um complô para me tirar de lá. Mexeram uma porção de coisas em Portugal, com a Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. E foi muito bom porque, tratando-se de uma bolsa conseguida por Jorge e Glauber, que não eram bem homens de negócios e não tinham tino para isso, a bolsa, quando eu cheguei



lá, era dois mil escudos menor do que eu pagava de aluguel. Ou seja, eu tinha que trabalhar como um condenado para poder sustentar a família – minha mulher estava grávida, meu filho nasceu em Portugal. Mas foi bom porque eu vi que dava.

Glauber Rocha I

O meu livro *Política – Quem Manda, Por Que Manda e Como Manda* é dedicado ao Glauber Rocha, porque a gente se esquece da tragédia que se abateu sobre ele. Hoje, muitos jovens não têm nem ideia do que aconteceu. Mas, naquela época, na década de 1980, já se renunciando o fim do governo militar, do governo autoritário, Glauber tinha condições muito pessoais, muito originais e muitas vezes de uma percuciência que chegava a ofuscar, que chegava a perturbar quem o via. Ele tinha teses grandiloquentes, expressas daquela forma “abarracadada”, sobre o futuro político do Brasil. Ele falava dos generais de uma forma que não se falava na época. E aconteceu um incidente: ele apertou a mão do general Figueiredo. Glauber só faltou ser crucificado no Brasil por isso. E acabou indo embora para Portugal. Quando ele estava já muito doente – não se sabia que ele estava para morrer, ele sempre teve mania de que ia morrer moço e a gente não levava a sério –, em Portugal, eu e Jorge quisemos que ele voltasse para o Brasil. Tínhamos a sensação de que se ele voltasse para cá, ele seria melhor tratado. Mas, ele se recusou. “Lugar

de tuberculoso – porque diziam que ele estava com tuberculose – é na Suíça. Não vou, não volto para o Brasil.” E acabou morrendo no avião, praticamente. Deve ter chegado morto ao Brasil. Glauber era um homem extraordinário. Mas é muito difícil falar sobre ele. Teríamos que dedicar uma noite só para isso.

Experiência ativa

O cinema de Glauber não era um cinema narrativo. Eu não tenho qualificação para me manifestar sobre isso, é um mero palpite, mas eu acho que filmes como os de John Ford¹, por exemplo, para utilizar um cineasta que é da minha estima e era da dele, são filmes narrativos. Você pode equivaler um filme de John Ford a um romance. Já os filmes de Glauber não eram romances, eram poemas. Quem está acostumado com o cinema narrativo estranha. Você tem que se adaptar à estética. Apurar a sensibilidade ou sintonizar a sensibilidade para aquele novo tipo de abordagem, porque não é um cinema comum. Aquela sensação confortável de não fazer força para acompanhar um filme que está passando, sentar na cadeira e ficar assistindo aquela coisa que lhe fornece todos os elementos, é uma experiência praticamente passiva. Já um filme de Glauber é diferente, é uma experiência ativa. Se ficar ali com a mesma postura que tem para ver um filme comum – vamos chamar de comum –, o sujeito possivelmente nem goste. Agora, se ele disser que está vendo um negócio novo, se ele se despir,

1 John Ford (1894-1973) – foi um cineasta norte-americano que se consagrou principalmente, mas não apenas, por seus filmes de faroeste, entre as décadas de 1930 e 1960.

tanto quanto possível, de condicionamentos, eu tenho a impressão que a apreciação dele, de um filme de Glauber, seria diferente.

Glauber Rocha II

O Glauber era tão amigo meu que a gente se encontrava, ficava conversando – nesta época eu bebia bastante, mas ele não gostava, gostava era de maconha, adorava maconha – e era frequente que eu estivesse sentado com ele em silêncio, sei lá, durante cinco ou dez minutos. Daí um fazia: “Não, senhor!” E o outro: “Eu também acho!” E eu não tinha dito nada, ou vice-versa. A gente ia por telepatia ou adivinhava o que o outro ia dizer. Engraçado. O Glauber era um encanto de pessoa. Ele podia fazer um escândalo, mas ele era um sujeito muito carinhoso, extremamente generoso, ele tirava a camisa para dar. Era de uma amizade e de um amor feroz pelos amigos. Todo mundo conhece alguém que só conhecendo pessoalmente para entender como é que a pessoa é. Glauber epitomiza isso. Não dá para eu descrever como era. Eu era amigo de Glauber desde os 15 anos. Ele sempre foi assim.

As histórias e os livros

É fácil atribuir as histórias dos meus livros, para quem me conhece, a um momento qualquer da minha vida. O meu primeiro romance, que cronologicamente é o meu primeiro livro – eu havia saído em antologias antes – se chama *Setembro Não Tem Sentido*. Na verdade, este título foi dado depois de uma rodada de pôquer, em Salvador. Eu era um jogador ferrenho de fim de semana. O título do livro era *A Semana da Pátria*, porque a história se passa na Semana da Pátria. Mas o editor, que eu não conhecia, mandou dizer que com este título ele não publicava, que eu bolasse outro, e o prazo era exíguo. Então, nesta noite, eu me lembro, jogando pôquer, houve uma espécie de *brainstorm* e eu nem sei se este título é meu, porque os amigos, naquele ambiente típico de jogador de pôquer, que fica imitando filme de gângster americano, fumando charuto, aquele ambiente enfumaçado, foi uma balação coletiva. Nós telegrafamos – naquela época se telegrafava – “bote o título tal”. E escrevemos este título, *Setembro Não Tem Sentido*. É um livro que narra – e é uma coisa que muito escritor, muito romancista faz – a minha juventude, metido a



intelectual, comunista, revolucionário, aquela coisa de 17, 18 anos. Em seguida vem o *Sargento Getúlio*, que é fruto de experiências infantis. Eu nasci em 1941 e moramos em Sergipe, se não me engano, até 1951, mais ou menos. O meu pai era político, e a política lá era um negócio brabo. Era a política da garrucha. Sergipe, Alagoas, esta área violenta. Meu pai foi secretário de Segurança e chefe de Polícia no governo de Getúlio Vargas e ele tinha o que, hoje, talvez com alguma justiça, eu faça equivaler a jagunços. Meu pai tinha sargentos da Polícia Militar de Sergipe que serviam a ele. Um como motorista, outro como ajudante nisso, alguns como guarda-costas, enfim, tinha uma “sargentada” grande. E existiu um sargento chamado Getúlio, que não tem nada a ver com o do livro, só o fato dele ser sargento da Polícia Militar de Sergipe. O sargento Getúlio chegava lá em casa – e, nessa época, a túnica da Polícia Militar de Sergipe tinha uma fileira de botões grandes, pareciam umas tartarugazinhas – e pedia licença a meu pai para desabotoar aquilo. Meu pai mandava que ele ficasse à vontade, e eu ficava fascinado porque quando ele abria a túnica tinha um coldre, um punhal, tinha coisa na bota, era um arsenal. Era o meu ídolo, o Sargento Getúlio. Foi a espoleta da história, foi por aí que eu comecei. Meu pai tinha outro sargento, chamado Cavalcanti, que eu não conheci. Ele não frequentava a casa, eu só ouvia falar – este era um homem valente, conhecido, devia ser um facínora, não sei. Tinha uma mulher não sei onde e estava jurado de morte. Ele não podia se deslocar para este lugar, e ele foi para lá – eu me lembro que era menino quando ouvi esta história – e tomou, dizem, 14 tiros e ficou vivo. Meu pai mandou, naquela época, uma expedição buscar Cavalcanti em Sergipe. No livro tem uma epígrafe: “Nesta história o sargen-

to Getúlio traz um preso político de Paulo Afonso a Aracaju”. Este é o embrião da história, é sobre esta viagem, tem uma semente da realidade. O resto eu fui inventando. Como criei este sargento eu não sei, mas saiu. E saiu por causa destas histórias.

Trabalhos acadêmicos

Na área acadêmica, têm alguns trabalhos sobre a minha obra. Mas, eu tenho preguiça de ler. Não entendo nada. Isso deve servir de consolo para quem foi vítima minha em vestibular. Sempre fico com vergonha quando me contam: “Este livro seu foi adotado em vestibular”. Meu Deus do céu, devem estar me xingando! Eu já peguei provas com perguntas sobre o meu livro que eu não responderia nada. Nada, porque eu não sei. Eu seria reprovado rotundamente, com certeza. Sobre o *Sargento Getúlio*, então, uma vez eu vi uma prova que eu não responderia uma pergunta. Eram umas 20. O contexto, o metatexto. Não sabia nada. Acho que um dos obstáculos à divulgação, à promoção e ao fomento do ato de leitura é que é muito dificultado por certas metodologias que não me parecem muito felizes. Por que dar a uma criança ou a um jovem adolescente um livro para ler com a responsabilidade medonha de, depois de acabar, responder a perguntas cavernosíssimas? O sujeito não desfruta do livro. É impossível.

O gosto pela leitura

Minha experiência com a literatura é diferente, porque ninguém me indicou livros. Nós morávamos, lá em Aracaju, em um casarão enorme, antigo, entupido de livros. Eu podia pegar o que quisesse. Meu pai resolveu que eu era uma grande vergonha para ele porque era analfabeto com cinco anos. “Eu não suporto – gritava – ter um filho analfabeto”, falando com minha mãe. Com seis anos meu pai não aguentou, me pegou pelo braço e me botou numa escolinha que tinha perto. Nesta época, quando fui aprender a ler, eu costumo dizer, o que talvez seja um pouquinho de exagero, que aprendi em um dia. Tenho uma explicação para isso: eu vivia no meio dos livros e já sabia que o B era o da barriguinha, o H era o da escadinha. Já conhecia muitas letras, de perguntar. Então, quando cheguei na escolinha, me deram uma cartilhazinha parecida com um livrinho de cordel. “Ivo viu a

uva”, “bateu na bola”, estas coisas. E eu fiquei vendo aquelas coisas e cheguei em casa silabando, já estava no be, bo, mais ou menos lendo, e excitadíssimo, porque tinha livros que eu queria decifrar lá em casa. Não tinha TV nesta época, e eu tinha uma curiosidade intensa por aquilo. Um dos primeiros que eu fui ler foi *Dom Quixote*, a versão traduzida pelo Visconde de Castilho. Não entendi nada, claro. Mas li as legendas das ilustrações do gravurista francês Gustave Doré, lindas! Eu entendia mais ou menos. Meu pai era uma figura. Ele não respondia às perguntas que eu fazia a ele sobre certos livros. Ele mandava eu me virar.

Elaboração e fruição

O futuro da literatura, como de qualquer arte, me parece indispensável à condição humana, porque a arte é uma forma de conhecimento. O método científico, que é a forma oficial de auferir e de expandir conhecimento, é inadequado para toda a realidade. A realidade não se curva aos ditames do método científico. Há outras maneiras de aprendê-la, de expressá-la, maneiras essas que são apanágios e territórios da criação artística. Acho que por isso a elaboração e a fruição da arte jamais abandonarão o homem. Eu não entendo que o romance vá desaparecer. Agora, essa história de que o livro vai desaparecer, pelo menos a curto prazo, eu não acredito. Imagine escrever uma tese de mestrado ou uma dissertação de doutorado, consultando a bibliografia básica, num leitor eletrônico? Dificilmente. Você pode ter 500 livros dentro de um leitor. Mas você teria um monte de livros espalhados, consultando um, pegando outro. Isso é muito diferente do que você ficar: “Tá, vou chamar tal livro, para ver tal página...” É muito menos cômodo do que você estar bulindo em volumes de papel o tempo todo. Pode ser que no futuro existam materiais que imitem o papel, que você possa jogar até dentro d’água ou ler em qualquer lugar. Acho que o livro eletrônico, como nós conhecemos hoje, vai servir para quem não lê por prazer, mas por necessidade ou pelo prazer de ter 500 livros à disposição. Agora, substituir imediatamente, não acredito. Acho que nós, no Brasil, neste afã de modernidade, de entrar para o primeiro mundo, estamos esquecendo um monte de coisas básicas.

Jorge Amado

É difícil falar sobre Jorge, embora ele não fosse como o Glauber, esta presença tão esfuziante, tão intensa. Ele era um homem quase 30 anos mais velho do que eu, por aí. Nós nos conhecemos quando eu tinha 18 anos. A Imprensa Oficial da Bahia na época era dirigida pelo geógrafo Milton Santos, e ele iniciou um programa editorial que publicou um livro chamado *Panorama do Conto Baiano*, onde eu estava incluído. Tinha de mim a Jorge Amado. Quando fiz o conto que está neste livro, eu tinha 17 anos e era muito tímido, retraído. Houve um lançamento do livro na Bahia, mas eu não me achava digno daquela companhia, de estar ali. Para mim, era um momento inexecrável, era uma coisa tremenda. Relutantemente, fui ao lançamento, num coquetel, na Imprensa Oficial. Fui e fiquei encostado na janela, meio retirado, acanhado, com vergonha, com timidez. E aí aquele camarada sai de lá e era Jorge, que eu conhecia de vista e de fotografia, e veio para o meu lado, apertou a minha mão, perguntou quem era eu e falou meu nome inteiro... “João Ubaldo”, e falou como se fosse de igual para igual! Imagine! Jorge Amado falando comigo como um colega! Chegava a ser de uma pretensão inominável

achar que era colega. Eu achava que era pretensão quando me chamavam de jornalista. Achava que jornalista tinha que ser uma figura eminente e não um foca, um reporterzinho como eu. E Jorge conversou comigo como se fosse de igual para igual, de colega para colega, e pegou o livro, este *Panorama do Conto Baiano*, e disse: “Quero o seu autógrafo”. Eu, dar autógrafo? Eu lembro que minha mão tremia, eu tive que segurar. Não sabia o que escrever, nem me lembro que asneira eu botei lá. Depois ele se tornou até meu compadre, pediu para batizar uma filha minha na barriga da mãe, apesar de ateu. Foi à igreja batizar a menina, rezou, disse que gostava mais de batizado em latim porque era mais bonito. Era um homem de extraordinária generosidade. E Jorge Amado foi, eu estou seguro, um dos escritores mais importantes do nosso século, do século passado, vamos dizer, já que nós estamos no século 21. Não digo um dos maiores do Brasil. Digo um dos maiores do mundo no século. Jorge Amado foi um escritor importante, de um país importante, de uma cultura importante. Ele tinha uma enorme popularidade. Onde quer que ele fosse, isso eu vi, numa feira em Portugal, as feirantes, as barraqueiras da feira “o Jorge Amado, o Jorge Amado!”



Parecia que ele era o Roberto Carlos. Isso aconteceu em Portugal, acontecia no Brasil, ele chegava e as pessoas tinham carinho por ele. Um grande escritor, um grande homem. A vida de Jorge foi uma vida riquíssima. Infelizmente, teve que ir embora, como todos nós. Foi meu compadre e deixa muita saudade.

Academia Brasileira de Letras

A Academia Brasileira de Letras é uma instituição interessante. Pertence, acho eu – e eu fui descobrir isso depois que fui eleito –, ao imaginário brasileiro mais do que a gente pensa. Quando fui eleito, em 1993, tive duas experiências engraçadas. A primeira: eu acordo muito cedo, saio de casa e fico esperando clarear. Dependendo da época do ano, quando fica claro eu saio. Mas, ainda estava um pouco escuro, eu já tinha sido eleito, mas não estava empossado, e eu fui andando pela rua, em direção à padaria e à banca de jornal. E aí, quando vou passando, vem um carro da limpeza pública, da Comlurb [*Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro*], com quatro ou cinco garis atrás. O caminhão parou, e um camarada que estava atrás tirou a luva e ficou me olhando fixamente. Eu pensei: “Que diabos estará havendo aqui, esse cara me olhando?” Não me ocorreu nada. “O que aconteceu? Será que estou fazendo alguma coisa?” Parei, olhei para eles e fiquei sem saber, pensando se eles estavam decidindo se me jogavam no carro de

lixo ou não. Quando eu fui andando, passei por eles, e eles no meio da rua, um deles fez uma reverência: “Imortal!” e todos bateram palmas. Trabalhando ali, humildemente, de madrugada. Eu nunca imaginei que gari acompanhasse eleição para a Academia, conhecesse a minha cara, à paisana. Se eu ainda estivesse de fardão, mas eu nem tinha. Que coisa engraçada! E aconteceu depois, logo no dia seguinte, eu passando por um boteco da moda, na Ataulfo de Paiva, no Leblon, e todo o boteco levantou e bateu palmas. Eu fiquei sem reação. Eu não imaginava que isso acontecesse. Mas, eu sei que a imagem da Academia para muita gente é de uma organização caturra, chata, muito austera, muito fechadona, mas não tem nada disso. Muita gente pensa que é pública, mas hoje é uma instituição privada e começou a ter uma presença muito marcante, principalmente onde ela tem sede, no Rio de Janeiro. Lá é que ficam as salas, têm ciclos de conferência, concertos, cinema. A Academia tem um programa de publicações importantíssimo. Ela foi construída à imitação, dentro do modelo da Academia Francesa, e inclui nela não só gente que escreve, mas gente que é eminente no país, gente de projeção reconhecida no país. A única exigência é a nacionalidade brasileira e a publicação de um livro. Se tem um livro, qualquer um tem o direito de pleitear o seu ingresso na Academia. ■

O Encontro



Realizado em parceria com o *Projeto Saideira*, uma promoção conjunta do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) e do Serviço Social do Comércio (Sesc/RS), o evento integrou a programação da 23ª Feira do Livro da cidade. João Ubaldo Ribeiro, patrono da Feira, autografou seus livros para o público após a entrevista.

